

Ugh! A imagem do índio no gibi

Contumazes assaltantes em Patópolis, os Irmãos Metralha resolveram dar uma folga para o Tio Patinhas, e foram para a selva, onde "fazem trocas com alguns índios". Os índios entregam seus colares de ouro e ganham dos Metralhas discos velhos — não para tocar em vitrola, mas para prender na cabeça, como se fossem chapéus.

Na mesma região, Huguiño, Zezinho e Luizinho, sobrinhos do Pato Donald, sobem o rio Jangodango num barco, com seus colegas de escotismo, numa expedição patrocinada pela revista "Sempre Alerta". Depois de terem seu barco roubado pelos Metralhas, os escoteiros-mirins caem nas mãos dos índios que, gritando *Uba, uba, guba*, manifestam sua indignação com o "conto do chapéu": sob o sol tropical, os discos praticamente derreteram na cabeça dos índios.

Para entender a "língua" dos índios, os escoteiros, aflitos, consultam seu incrível manual, que recomenda: "Quando tiver problemas com selvagens, tente distrair todos eles". E o que fazem: os meninos oferecem seus próprios chapéus para os índios, e o chefe-escoteiro começa a filmar os "selvagens", que, promovidos a "escoteiros-mirins honorários", sorriem atoleimados, dizendo: *Hum, hum!*

O desfecho é rápido e não dispensa sequer uma pitada de ecologicidade: índios e animais da selva ajudam a prender os

Metralhas que, amarrados, ouvem um patinho dizer, de dentro em riste: "Vamos levar vocês pro Serviço de Proteção ao Índio. Eles vão resolver o que fazer". Na margem, ficam os índios, dos quais os escoteiros, embarcados, se despedem: "Tchau, escoteiros da selva! Vamos escrever sobre vocês na nossa revista".

As crianças — e também os adultos — que leram essa história em quadrinhos, "Expedição na Selva", na revista *Peninha* nº 14 (9-3-83), ficaram tão mal informados sobre a realidade indígena quanto os eventuais leitores da fictícia revista "Sempre Alerta", dos escoteiros-mirins de Patópolis. E, para os milhões de leitores, de todas as idades, das revistas em quadrinhos, no Brasil e em todo o mundo, a perspectiva não é melior.

Não se trata de um fenômeno das revistas Disney. Mesmo outras publicações — incluídas as de desenhistas brasileiros — apresentam uma imagem deformada e alienante do índio. Maurício de Sousa, com sua preocupação de fazer personagens "universais" que ele possa "vender" em qualquer país, apronta uma tremenda salada nas histórias do indiozinho Papa-Capim (revista *Chico Bento*). Na edição nº 23, p. ex., Papa-Capim é salvo de ser comido por uma onça graças à intervenção providencial do cacique, que, à maneira de Tarzan, faz um voo rasteiro sobre o felino, pendurado num cipó... Daniel Azulay,

com sua revista *A Turma do Lambe-Lambe*, chega, às vezes, a parecer bem intencionado nos roteiros de algumas de suas histórias. Mas cal nos mesmos chavões, ao apresentar as guerreiras amazônicas com caracterização de "passaronas" (bem Disney...) e mostrar o cacique querendo comprar a cozinha pagando a sua patra, o professor Pirajá, com ouro de Serra Pelada. Quando Pirajá diz que Xicória "não é objeto pra ser vendida", o selvagem cacique reage: "Bah! É só mulher!"

Mas é, certamente, nas revistas do complexo Disney que encontramos as maiores aberrações. Essas revistas, monopólio, em nosso País, da Editora Abril, somam em português quatro títulos quinzenais (*Mickey, Tio Patinhas, Almanaque Disney, Disney Especial e Edição Extra*). Estas são apenas as publicações periódicas, regulares. Não se incluem aqui os inúmeros subprodutos tipo "Manual do Escoteiro", "Manual do Zé Carioca" etc., que a galinha-dos-ovos-de-ouro do mercado brasileiro permite à Abril lançar de quando em quando — com grande sucesso de venda — de bom que se diga.

A ideologia capitalista e colonialista das revistas Disney já foi sobejamente analisada no excelente *Para ler o Pato Donald*, que Ariel Dorfman e Armand Mattelart escreveram em 1971 no Chile de Allende e que a Paz e Terra pu-

blicou no Brasil (em tradução precária). Dois capítulos desse livro tratam, especialmente, da abordagem que as revistas Disney fazem das relações entre colonizador e colonizado: "Da criança ao selvagem bonzinho" e "Do selvagem bonzinho ao subdesenvolvido". Mas Dorfman e Mattelart, que praticamente esgotam a análise das relações políticas e econômicas, não aprofundam a pesquisa sobre a representação do índio enquanto categoria étnica (inclusive porque esse não era o objetivo do livro).

Valeria a pena, então, discutir aqui um pouco mais a questão específica do índio nas revistas Disney e outras de quadrinhos.

"ÍNDIO GENÉRICO"

Em primeiro lugar, é importante notar que o índio nos quadrinhos é, quase sempre, um índio genérico. Ainda que seja desenhado com roupas de um campesino peruano, com sombrero típico mexicano, com tanga de pano ou palha, ou com calças e mocassins de couro, é sempre o *índio*, simplesmente. Quer apareça com traços de africano, ou asiático, quer seja representado como um indio-pato ou indio-cachorro, dentro da concepção zoomórfica dos personagens Disney, ele acaba sendo, no fim das contas, apenas *índio* — em oposição ao não-índio; "selvagem", "primitivo" — em oposição ao "civilizado".

Mesmo quando nominado, não deixa de ser um índio genérico. A exceção aparente —

o pequeno Havita, com sua irmã Pão-de-Mel — apenas confirma a regra. Em que a tribo de Havita se singulariza em relação às demais apresentadas em outras histórias? Aliás, os nomes escolhidos, tanto para as tribos como para os indivíduos, são quase sempre ridículos e rebarbativos: *Comecacos, Pés-Grandes, Pés-Chatos* (algumas tribos em histórias Disney); *Gavião Narigudo, Coco Oco, Lama-na-cara* (índios em Disney). E os desenhistas brasileiros nada ficam a dever em "originalidade" às revistas Disney: Maurício de Sousa criou, ao lado do "herói" *Papa-Capim*, seu amigo *Cafuné* (este, como se sabe, um nome de origem africana, e não indígena); e Daniel Azulay queima milhões de neurônios para batizar um índio de *Pé-Chato* na história "O cacique deputado" (*A Turma do Lambe-Lambe*, nº 16, agosto 1983).

Cabe ressaltar que, no caso das revistas Disney, o mais frequente é a estereotipação dos "índios" como sendo dos Estados Unidos, metrópole desse império cultural: as casas são tendas cônicas, as roupas são de couro, franjadas, há o cachimbo da paz, os totens e as danças em redor da fogueira. Isso, aliás, apenas nivela por baixo a desinformação sobre a questão indígena, num país, como o nosso, em que os demais meios de comunicação, sobretudo a televisão, consomem e vomitam todo o lixo cultural procedente dos Estados Unidos.

do índio no gibi

O índio das histórias em quadrinhos — como o das "histórias do Brasil" que correm soltas nas escolas (ver *FORANTIM* nº 55) — é ingênuo, ignorante, mau, agressivo, vingativo, selvagem etc. Tudo isso de uma vez — ou, ora uma coisa, ora outra, conforme a historinha. A revista *Disney Especial* nº 12 — "Os Mocinhos" (reeditada em outubro de 1982) é pródiga de exemplos. Nada menos que oito das 19 histórias apresentam os índios contracenando com os "mocinhos" — Mickey, Donald, Pateta etc. Nas demais, os "mocinhos" vencem bandidos não-índios...

Logo na primeira história, "No tempo dos pioneiros", uma tribo hostil tenta impedir a "marcha para o Oeste" de honestos fazendeiros. Espreitando traiçoeiramente o acampamento dos pioneiros, à noite, o cacique e alguns guerreiros tentam roubar cavalos. Não conseguem e levam um bode. Mais tarde, o cruel cacique seqüestra os três sobrinhos de Donald, propondo devolvê-los em troca de armas e cavalos. Mas os patinhos — que, na aldeia, aproveitaram para ensinar os índios ignorantes a pescar — fogem, iludindo seus ingênuos captadores. Mais tarde, o herói Mickey salva o filho do cacique, que, rendido, reconhece o bom coração dos brancos e escancara suas terras para os pioneiros.

É interessante notar que, na grande maioria das histórias, os "pioneiros", os "desbravadores", nunca estão ocupando as terras dos índios; sempre estão de passagem, *através* das terras indígenas. E, mesmo assim, os índios são hostis e malvados. Quem conhece um mínimo da história dos Estados Unidos nos séculos XVIII e XIX — e quem acompanha a história atual da Amazônia brasileira por fontes que não sejam a Rede Globo de Televisão e a Radiobrás — sabe muito bem que essa é uma forma descarada de empulhação. A Transamazônica passou *através* das terras dos Arara e de outros povos no Pará — e hoje eles estão sem terras ou com as terras invadidas; a Cuiabá-Santarém passou *através* das terras dos Kren-akarore — e, um ano depois de atraídos pelos Irmãos Villas Boas, restavam apenas 70 farrapos humanos, dos quase 400 "índios gigantes"; a Cuiabá-Porto Velho está levando "pioneiros" para Rondônia, *através* das terras dos Nambikwara — e hoje as terras dos Nambikwara estão infestadas de latifundiários; a Manaus-Caracará... os Waimiri/Atroari... Transa-

tando fogo pela boca, após engolir gasolina.

Os valores culturais dos povos indígenas são objeto de galhofa nas historinhas. Após prender e amarrar o chefe dos escoteiros-mirins, suspieto de roubar totens, os índios Pés-Grandes dançam em torno do prisioneiro. O chefe-escoteiro pergunta: "Você não são civilizados? Então por que estão dançando ao meu redor?" Resposta: "Mas índios dançam ritmo de discoteca". ("A vitória que ficou na História", em *Tio Patinhas* nº 215 — abril/83). Outra história ("Barulho em Vila Sossego", em *Disney Especial* "Os Mocinhos") apresenta um pajé que é assaltante de banco! Ou seja, aqui se casam num só vilão dois personagens estigmatizados: o índio e o bandido. Preso, naturalmente, pelo "mocinho" Mickey, incorrigível policial, travestido de xerife nessa história.

Mesmo histórias aparentemente simpáticas aos índios devem ser analisadas com atenção. Quando o índio não perde, é porque se aculturou e ficou malandro ("O conto da raiz" — *O Pato Donald* nº 1620, janeiro/1982). Ou não perde na historinha, mas a mensagem final mostra que ele realmente não tem direitos. E o caso de "Os índios Nanicós", uma história bem elaborada que saiu no *Almanaque Disney* nº 135 (a-



Faça um teste com as crianças

Assinale a alternativa correta:
— Quem você acha que prejudica mais os índios:

- () Os bondosos escoteiros
- () Os Irmãos Metralha
- () A Editora Abril
- () Todas as anteriores

Disney Especial nº 12 (Os Mocinhos)

Disney Especial nº 12

Disney Especial nº 12 (Os Mocinhos)

Disney Especial nº 12

(Mais "índio no gibi" na última página)